



Volume 7, número 2, mai./jul., 2018

ISSN: 2317-0352

Possibilidades e limites na utilização da História de Vida na pesquisa sociológica
Possibilities and limits in the use of the History of Life in sociological research

Douglas Menezes de Oliveira

Mestrando pelo Programa de Pós-Graduação em Sociologia (PPGS) da Universidade Federal da Grande Dourados (UFGD). Bolsista da Fundação de Apoio ao Desenvolvimento do Ensino, Ciência e Tecnologia do Estado de Mato Grosso do Sul (FUNDECT/MS). E-mail: menezes.1995@hotmail.com.

Resumo¹

O presente artigo tem por objetivo apresentar as possibilidades de uso do instrumental metodológico da história de vida na pesquisa sociológica, sem perder de vista os limites encontrados nessa técnica de coleta de dados. Nesse sentido, faremos uma análise sobre a relação da teoria e empiria na construção do pensamento sociológico e a afinidade entre objeto e sujeito no modelo de produzir conhecimento científico. Abordaremos o caráter científico da história de vida, os impasses no processo de coleta e os problemas que surgem na relação com os interlocutores da pesquisa. A partir da revisão bibliográfica, esse trabalho visa contribuir para ampliação do debate teórico acerca da metodologia de pesquisa qualitativa no campo da Sociologia.

Palavras-chave: Sociologia, metodologia qualitativa, história de vida.

Abstract

The present article aims to present the possibilities of using the methodological tools of life history in sociological research, without losing sight of the limits found in this technique of data collection. In this sense, we will analyze the relationship between theory and empirical construction of sociological thinking and the affinity between object and subject in the model of producing scientific knowledge. We will discuss collection process and the problem that arise in the relationship with the research interlocutors. From the bibliographic review, this work aims to contribute to the expansion of the theoretical debate about the methodology of qualitative research in the field of Sociology.

Keywords: Sociology, qualitative methodology,

¹ Artigo originalmente apresentado na disciplina de Metodologia da Pesquisa Social do Programa de Pós-Graduação em Sociologia da Universidade Federal da Grande Dourados (UFGD).

Introdução

O presente artigo tem por objetivo principal apresentar as possibilidades e as limitações do instrumental metodológico da história de vida no campo de pesquisa da sociologia. Para dar subsídios teóricos na utilização desse recurso metodológico, o trabalho está estruturado em quatro tópicos que ilustram essa reflexão sociológica e metodológica acerca de diferentes perspectivas decorrentes dos problemas de pesquisa.

Na primeira parte pretende-se fazer alguns apontamentos em torno da relação entre a sociologia e o senso comum (sociologia espontânea) na atividade de pesquisa. Para tanto, a partir das considerações de Bourdieu (2000), Kuhn (1991), Pires (2012) e Adorno (2008) apresentaremos a necessidade de mediação entre a teoria e a empiria, a partir das mudanças paradigmáticas no campo sociológico. A justificativa dessa discussão inicial pauta-se na tentativa de utilizar a técnica história de vida como instrumental na coletada de dados, pois, esta mantém um vínculo direto relacional com o senso comum. O acesso ao senso comum contribui para a compreensão da realidade a partir da perspectiva e apreensão da subjetividade do sujeito, ou seja, constitui na abertura para a valorização do conhecimento construído no cotidiano que se caracteriza na vivência diária e nos espaços de experiência. Essa técnica de pesquisa permite apreender a interação social e simbólica do conhecimento da realidade social.

Na segunda parte analisaremos a fundamentação da história de vida enquanto estatuto científico no campo da sociologia. A partir da abordagem de Becker (1993), serão feitas as distinções fundamentais entre a autobiografia e a ficção. Essa diferenciação é importante, pois, demarca um rigor metodológico na forma de coletar os dados da pesquisa. A partir dessa distinção podemos entender a história de vida enquanto unidade e totalidade integrada na forma de apreender o universo social e a realidade empírica restrita ao sujeito e aos grupos sociais.

Na terceira parte evidenciaremos os problemas que relativamente surgem na utilização desse instrumental, sobretudo no desenvolvimento de uma pesquisa. A partir da perspectiva de Debert (1986), demonstraremos que a história de vida assume outras possibilidades de investigação científica, como é o caso da reformulação e testes de hipóteses, teorias e pressupostos. Além disso, a história de vida nessa abordagem pode implicar no aparecimento de novos problemas, podendo gerar até mesmo impasses na coleta de dados e relativização dos conceitos.

Na última parte apresentaremos a relação do entendimento de Becker (1993) e Debert (1986) sobre a história de vida, bem como vinculando aos apontamentos de Bourdieu (1986) sobre a trajetória de vida. A proposta de Bourdieu (1986) propõe uma reflexão crítica sobre o relato biográfico, tendo em vista a posição social ocupada pelo interlocutor. Nesse sentido, a crítica parte em direção das diferentes formas de narrativas da agência do sujeito em relação à estrutura.

Portanto, é nessa dimensão teórica e metodológica que o trabalho visa transitar. A análise da história de vida enquanto instrumental de pesquisa qualitativa visa contribuir com o debate para

ampliação das possibilidades de uso no campo sociológico. Em suma, o trabalho é um convite introdutório para a reflexão das diferentes possibilidades e limites encontrados na atividade de pesquisa.

O sociólogo e os “objetos que falam”

Nessa seção pretende-se fazer uma análise da relação entre a teoria e empiria no campo sociológico. Trata-se, portanto, em demarcar a dicotomia presente entre ambas as formas de interpretação da realidade, assegurando uma balança de mediação, para superação do distanciamento existente na maneira de fazer ciência. Além disso, pretende-se apresentar as mudanças ocorridas nas formas de interpretação científica a partir da emergência de novos paradigmas emergentes na sociologia contemporânea.

O nascimento e o desenvolvimento do campo científico das ciências sociais no século XIX estiveram ligados diretamente com o fenômeno da modernidade. As transformações sociais, econômicas, políticas e culturais desencadearam os processos de institucionalização do conhecimento científico no mundo ocidental (PIRES, 2012, p.46). Nesse percurso, desde a gênese e fundamentação da sociologia clássica enquanto estatuto científico esteve ligado ao rigor sistemático do método adotado na definição e interpretação do objeto de estudo (BOURDIEU, 2000, p.45).

O rigor da definição e distinção da ciência e não ciência é marco inicial do desenvolvimento do conhecimento objetivo do mundo social empírico. A partir dessa característica fundamental, trataremos nesse ponto sobre a construção do pensamento sociológico em relação ao objeto empírico e a correlação com a teoria.

Nas atividades de pesquisas, quando remetemos à interpretação teórica dos problemas sociológicos, estamos efetivamente direcionando para um recorte do objeto, a fim de realizar uma análise de uma fração empírica do senso comum. Na matriz do pensamento sociológico clássico, o senso comum teve um papel crucial na fundamentação da sociologia e distinção de uma área do saber autônoma. No primeiro momento, o rigor sistemático adotado foi à separação fundamental desses dois campos de interpretação da realidade, a saber, a ciência e o senso comum (PIRES, 2012).

A separação do objeto/sujeito foi o modelo paradigmático dominante no campo sociológico. Nesse caso, entende-se por paradigmas os conjuntos de ilustrações recorrentes e padronizados de diferentes teorias e aplicações conceituais de interpretações vigentes (KUHN, 1991). A noção nuclear de paradigma tem relação com teorias, conceitos e procedimentos metodológicos que caracteriza “regras abstratas” e a ideia de “modelo exemplar completo”. Portanto, dentro do paradigma científico é lançado um padrão de trabalho e os posicionamentos heurísticos. O paradigma dominante deve ser compreendido a partir da validação do conhecimento e aceito pela comunidade científica.

A partir da noção de paradigmas, podemos afirmar que a separação entre objeto/sujeito no campo científico das ciências humanas já é um paradigma superado. Pois “a transição para um novo paradigma é uma revolução científica, tema que estamos finalmente preparados para abordar diretamente” (KUHN, 1991, p.122).

A revolução científica acontece quando ultrapassam do controle, e concomitantemente instala-se uma crise, que será resolvida com a emergência de um novo olhar, criando assim novos paradigmas. Os novos paradigmas são, portanto, um período de “ciência normal” até que uma nova anomalia (crise) se instale. Nesse sentido, “conseqüentemente, a recepção de um novo paradigma requer com freqüência uma redefinição da ciência correspondente” (KUHN, 1991, p.138).

Diante disso, a emergência de um novo paradigma advém de novas necessidades antes relegadas pelo paradigma anterior:

Alguns problemas antigos podem ser transferidos para outra ciência ou declarados absolutamente “não-científicos”. Outros problemas anteriormente tidos como triviais ou não-existentes podem converter-se, com um novo paradigma, nos arquetipos das realizações científicas importantes (KUHN, 1991, p.138).

A partir dessa elucidação feita por Kuhn (1991), a emergência ocorrida de novos paradigmas, pode ser identificada na sociologia em relação à quebra do “mito da neutralidade” sustentada na sociologia positivista. O paradigma assume, nesse caso, como o modelo de orientação da pesquisa científica, ou seja, somente é possível o desenvolvimento das pesquisas dentro de algum paradigma.

A relação direta entre o objeto e sujeito na forma de fazer pesquisas na sociologia, coloca novas questões para pensar a construção de objetos e interpretações criteriosas da realidade objetiva. O debate epistemológico nesse contexto está centrado na atividade de pesquisa do sociólogo e na construção de novos objetos, bem como a sua relação com o conhecimento não científico (senso comum). A partir das transformações na sociedade, emerge novos problemas, exigindo novas formas de explicação dos fatos. Isso implica, em perceber na análise de Bourdieu (2000), que um dos problemas colocados para as ciências humanas referem-se em ao fato de possuir um “objeto que fala”.

A maldição das ciências humanas, talvez, seja o fato abordarem um objeto *que fala*. Com efeito, quando o sociólogo pretende tirar dos fatos a problemática e os conceitos teóricos que lhe permitam construir e analisar tais fatos, corre sempre o risco de se limitar ao que é afirmado por seus informadores (BOURDIEU, 2000, p.50).

Nesse sentido, o fato do “objeto falar” pode significar um problema para a atividade de pesquisa. O sociólogo quando objetiva tirar os conceitos apenas da empiria, está sujeito à ocorrência de reafirmação simplesmente da fala dos seus informantes, ficando preso na “sociologia espontânea” e limitando-se a empiria. Nesse caso, a crítica esta pautada na valorização apenas da constatação empírica, ou seja, somente o “real não explica” os fatos. A reafirmação da sociologia espontânea

informada pelos sujeitos na interpretação dos fatos torna-se um problema no que diz a respeito a produção de um conhecimento erudito e falso da realidade objetiva.

Não basta que o sociólogo esteja a escuta dos sujeitos e faça a gravação fiel das informações e razões fornecidas por estes, justificar a conduta deles e, até mesmo, as razões que propõem: ao proceder, dessa forma, corre o risco de substituir pura e simplesmente suas próprias prenoções pelas prenoções dos que ele estuda, ou por um misto falseamento erudito e falsamente objetivo da sociologia espontânea do "cientista" e sociologia espontânea de seu objeto (BOURDIEU, 2000, p.50).

Na concepção de Bourdieu (2000), a teoria domina o trabalho experimental desde o pressuposto até as últimas constatações empíricas. Nesse sentido, a teoria e o mundo social empírico devem articular-se, possibilitando ao sociólogo a formulação da problemática, bem como a interpretação dos fatos.

Nesse mesmo seguimento, Cohn (2008) lembra que a sociologia enquanto uma "ciência impura" pode ousar de uma flexibilidade metodológica sem abdicar das críticas teóricas e dos rigores do método.

A sociologia recebe, destarte, a incumbência de ousar ser impura sem deixar de ser ela mesma: ciência da sociedade que não hesita em perturbar o severo rigor do método com os ruídos da crítica, do entrelaçamento com outras ciências e das exigências normativas (COHN, 2008, p.34).

A renúncia de uma formulação teórica, centrada apenas na valorização de uma afirmação do empírico, o sociólogo sanciona uma sociologia espontânea (BOURDIEU, 2000, p.52). Assim sendo, cabe indicar a partir das considerações de Adorno (2008) que é impossível também realizar uma pesquisa empírica na sociologia isenta de uma teoria. Entretanto, também é inviável realizar uma pesquisa sociológica sem um objeto empírico. Se o sociólogo realizar uma pesquisa centrada apenas na teoria, os resultados de suas investigações tendem a se tornar meras especulações abstratas e generalizadas sem a confrontação com o mundo social empírico.

Em suma, a atividade de pesquisa do sociólogo deve percorrer o mesmo itinerário entre teoria e a empiria. Essa relação deve ser equiparada numa balança com as mesmas medidas para a manutenção do equilíbrio que caracterizam um fazer científico na sociologia. A relação entre ambas são fundamentais na formulação de conceitos que explicam o real. De acordo com Adorno (2008) a atividade profissional e científica da sociologia não deve extrapolar os limites entre a teoria e a empiria, mantendo sempre o equilíbrio: nem empírico de mais, nem teórico de menos e vice-versa.

O horizonte científico da história de vida

A história de vida é uma metodologia de pesquisa qualitativa que tem ganhado muito prestígio nos trabalhos acadêmicos desenvolvidos no campo das ciências sociais. Utilizada constantemente como técnica de coleta de relatos orais, esse recurso se restringiu por um

determinado período ao campo especificamente da antropologia. Recentemente tem sido muito acionada pela sociologia, ciência política e pelo campo da história que já possui uma disciplina especializada como é o caso da história oral (DEBERT, 1986, p.141).

É importante lembrar que a metodologia qualitativa não deve ser entendida, e nem reduzida, a um conjunto de “técnicas de pesquisas” a serem meramente aplicadas nas investigações em desenvolvimento. A metodologia deve ser compreendida sob a luz da própria *maneira de fazer ciência* (MARTINS, 2004, p.291).

A escolha da metodologia qualitativa de pesquisa está ligada diretamente a análise dos “microprocessos” sociais, e possui como princípio fundamental a valorização do objeto de estudo enquanto *sujeito do conhecimento*. Nas palavras de Martins (2004) podemos entender quando menciona que:

É preciso esclarecer, antes de mais nada, que as chamadas metodologias qualitativas privilegiam, de modo geral, da análise de microprocessos, através do estudo das ações sociais individuais e grupais. Realizando um exame intensivo dos dados, tanto em amplitude quanto em profundidade, os métodos qualitativos tratam as unidades sociais investigadas como totalidades que desafiam o pesquisador (MARTINS, 2004, p.292).

A partir desse esclarecimento das opções demarcadas pelas metodologias qualitativas, à preocupação fundamental que está colocada para o sociólogo na escolha desse método de pesquisa para investigação do objeto proposto, baseia-se na relação direta com o mundo empírico, a fim de traduzir de forma completa e minuciosa a realidade empírica (MARTINS, 2004, p.292).

Além disso, entre os procedimentos metodológicos, encontra-se também o quantitativo referente à precisão e utilização de “números”. Dessa forma, o método quantitativo privilegia a análise dos “macroprocessos”, tendo como característica fundamental as análises estruturais, bem como a coleta de dados secundários elaborados por instituições. Já a precisão qualitativa referente a “letras”, focaliza-se nos “microprocessos”, bem como se utiliza de dados primários da descrição, assim como: a observação participante, entrevistas estruturadas, semiestruturada, individual, coletiva e grupos focais, história de vida, cartas, diários e documentos. Não há, portanto, uma oposição entre as metodologias qualitativas e quantitativas em relação às formas de coleta de dados, ambas se integram e se complementam na produção do conhecimento social do mundo empírico.

Após indicar uma das possibilidades de técnicas metodológicas privilegiadas no escopo da metodologia qualitativa, faremos uma análise do instrumental da história de vida, a partir das reflexões de Becker (1993) no tratamento dos dados em unidade como totalidade. Pontuaremos, desse modo, algumas reflexões para pensar as particularidades da história de vida, bem como a distinção da mesma em relação à autobiografia e a ficção, tendo como a preocupação em distinguir metodologicamente ambas as formas de utilização de relatos biográficos na pesquisa sociológica.

A utilização da história de vida, enquanto recurso metodológico no campo das ciências sociais esteve ligado a Escola de Chicago (Departamento de Sociologia) nas décadas iniciais do século XX, a partir dos estudos e esquemas teóricos coordenados por Robert Park. As considerações de Becker defendem a história de vida enquanto uma metodologia possuidora de estatuto científico na sociologia contemporânea. Diferentemente das abordagens que tratam o escritor da autobiografia e do autor da ficção. “As diferenças entre estas formas residem tanto na perspectiva a partir da qual o trabalho é realizado quanto nos métodos utilizados” (BECKER, 1993, p.102).

A primeira distinção realizada por Becker vem mostrar que a história de vida não é uma autobiografia. Essa distinção é fundamental e importante para a fundamentação metodológica da história de vida. Apesar de o autor reconhecer que a história de vida utiliza a narrativa de forma semelhante a autobiografia, partindo do ponto de vista do sujeito, sobretudo de uma abordagem subjetiva. Não é, portanto, a mesma coisa. Também não se trata de uma ficção, tendo em vista que “[...] embora os documentos de história de vida mais interessante tenham uma sensibilidade, um ritmo e uma urgência dramática que qualquer romancista adoraria conseguir” (BECKER, 1993, p. 102).

As possíveis semelhanças em cada caso é também o demarcador da diferença de cada abordagem. Portanto, vejamos como cada situação deve ser apreendida, conforme as preocupações demarcadas por cada autor. O primeiro revela-se que: “o escritor de ficção, é claro, não se preocupa em absoluto com fatos, mas, antes, com o impacto dramático, com forma e fantasia, com a criação de um mundo simbólico e artisticamente unificado” (BECKER, 1993, p.102).

O primeiro caso, referente à ficção, a narrativa não pautada especialmente em fatos concretos na realidade. Essa abordagem, não necessariamente deve estar conectada com mundo concreto, estando para além da materialidade, ligado ao imaginário artístico. O segundo revela-se que “o autor autobiográfico se propõe a explicar a sua vida para nós, se comprometendo, assim, com a manutenção de uma estreita conexão entre a história que conta com àquilo que uma investigação objetiva poderia descobrir” (BECKER, 1993, p.102).

No segundo caso, o que se vê na autobiografia é a seleção de partes e momentos de sua história, retratando a si mesmo com elementos apenas “positivos”, deixando de lado os aspectos adversos ou ignorados que possui um fator determinante e importante (BECKER, 1993, p.102).

A partir de cada particularidade e diferenças apresentadas, tanto para o autor da ficção quanto o da autobiografia, podemos captar as propostas centrais de cada caso e, deste modo, avançar nas particularidades do sociólogo que trabalha com a história de vida em sua pesquisa. A história de vida está mais ligada a condição de “terra a terra”, estando para além de formas “imaginativas” e “humanísticas”, voltada especificamente para o “retrato fiel” da realidade vivenciado pelo sujeito e sua interpretação do mundo existente (BECKER, 1993, p.102).

O sociólogo que coleta uma história de vida cumpre etapas para garantir que ela abranja tudo o que quer conhecer, que nenhum fato ou acontecimento importante seja desconsiderado, que o que parece real se ajuste a outras evidências disponíveis e que a interpretação do sujeito seja apresentada honestamente (BECKER, 1993, p. 102).

O retrato da realidade objetiva, a partir das experiências subjetivas dos interlocutores, deve acompanhar o rigor no processo de coleta exigindo do pesquisador um aprofundamento dos fatos relatados. O pesquisador deve realizar uma conexão com os documentos oficiais disponíveis para mapear a realidade, os acontecimentos e os lugares descritos.

A história de vida pode ser pensada numa pesquisa sociológica como uma imagem de um mosaico. Nesse mosaico “cada peça acrescentada num mosaico contribui um pouco para nossa compreensão do quadro como um todo. Quando muitas peças já foram colocadas, podemos ver, mais ou menos claramente, os objetos e as pessoas que estão no quadro, e sua relação uns com os outros” (BECKER, 1993, p.104).

O conhecimento sociológico é um pensamento situado num contexto temporal e espacial específico, demarcado por uma experimentação singular e um fragmento da realidade investigada. Nesse caso, o “fragmento” desse mosaico é peça fundamental que será adicionado na construção do todo.

Diferentes fragmentos contribuem diretamente para a nossa compreensão: alguns são úteis por sua cor, outros realçam os contornos de um objeto. Nenhuma das peças tem uma função maior a cumprir; se não tivermos sua contribuição, há ainda outras maneiras para chegarmos uma compreensão do todo (BECKER, 1993, p.104-105).

Os estudos individuais significam a construção de diferentes peças de um mosaico que representa a realidade social. A referência ao mosaico estava pautada nas contribuições das “histórias de caso” de Chicago nos Estados Unidos da América nas primeiras décadas do século XX. Assim sendo, cabe ainda lembrar que a história de vida, não poderá possibilitar “provas definitivas” de um pressuposto teórico, no entanto, servirá também nesse caso como um instrumento de reavaliação teórica e seleção de novas teorias empregadas na pesquisa (BECKER, 1993, p.107).

A utilização dessa técnica de pesquisa pode de reativar e orientar campos de pesquisas estagnados. Esse instrumental capacita a reavaliação dos grandes modelos teóricos de explicação da realidade social, propondo novas formas para análise do objeto e construção de conceitos. A história de vida é um instrumental metodológico de pesquisa que possui um espaço nos diferentes campos científicos, e tem contribuído especificamente para a ampliação do horizonte científico de atuação dos sociólogos.

Problemas relativos à história de vida

A utilização do instrumental metodológico da história de vida oferece prerrogativas fundamentais e insubstituíveis na coletada de dados demonstrados anteriormente. Nesse sentido, analisaremos os problemas relativos à utilização desse instrumental metodológico nos apontamentos de Debert (1986).

A história de vida e a história oral trazem em evidência, sem dúvida, a tentativa de construção de novos documentos para o desenvolvimento da pesquisa. Ainda mais quando se trata de realizar estudos sobre instituições através de experiência de pessoas, na qual carência de fontes a respeito.

No entanto, a história de vida, não se limita apenas a essa utilidade. Além disso, a história de vida objetiva interpretar as perspectivas subjetivas dos oprimidos e marginalizados no curso da história. Debert (1986) destaca que “por um lado, quando as pesquisas se voltam para as classes populares, trata-se de mostrar a importância de produzir uma documentação que se constitua num ponto de vista alternativo à documentação oficial” (DEBERT, 1986, p.141).

É evidente perceber a utilização da história de vida, enquanto uma tentativa metodológica de construir pontos de vistas e perspectivas distintas referentes às documentações oficiais. A partir dessa perspectiva, entendemos que uma das opções metodológicas da história de vida esta voltada na possibilidade de incorporar uma produção historiográfica partindo da versão dos fatos e acontecimentos e presenciados pelos *desprivilegiados* que estão à margem da produção do conhecimento. Esse fato apresentado tem sua justificativa em relação às pesquisas que tratam especificamente dos países da América Latina, onde possui uma “historiografia incipiente”. Portanto, a história de vida é um instrumento que vem preencher um espaço vazio intransponível (DEBERT, 1986, p.141).

A história de vida, apesar de ser uma vertente recente no campo da sociologia contemporânea, vem se mostrando como uma prática de pesquisa cada vez mais imprescindível, no sentido de preencher espaços vazios, no qual não há fontes a respeito ou somente o grupo pesquisado que podem fornecer as informações (relatos orais) necessárias para interpretação do problema proposto (DEBERT, 1986, p.142).

A relação da conversação entre o pesquisador e o pesquisado, possibilitado pelo instrumental da história de vida, preenchem um vazio de uma singularidade específica e um acontecimento histórico. Através dessa técnica de pesquisa, podemos entender determinado assunto (representações individuais e coletivas) no sentido restrito aos sujeitos que realmente vivenciam.

O que se espera é que a partir dela, da experiência concreta de uma vivência específica, possamos reformular nossos pressupostos e nossas hipóteses sobre um determinado assunto [...] Espera-se, através de uma série de mecanismos - número ideal de informantes, escolha de informantes que tomaram posições distintas frente a um determinado acontecimento, contraposição de informações obtidas a documentos oficiais etc. (DEBERT, 1986, p.142).

A interação do pesquisador com os informantes são uma peça fundamental na realização da investigação do problema de pesquisa proposto. Destacam-se dois problemas resultantes desse processo: 1) a violência implícita da imposição aos informantes da pesquisa. Pois, em nossa área de conhecimento, os domínios de diferentes teorias e conceitos são muitas vezes desconhecidos e exteriores aos participantes; 2) a importância de fornecermos condições necessárias aos informantes em nos levar para outras dimensões da problemática.

Objetivamente somos levados a seguir rigidamente o que apenas queremos saber dos participantes. Isso implica, portanto, numa limitação entre o pesquisador e os participantes. Outro ponto que deve ser observado nos problemas colocados em relação à história de vida é a relativização dos conceitos. O diálogo estabelecido entre pesquisador e o informante, dependendo das questões formuladas, tendem a transformar as experiências individuais em universais sem o crivo de particularidade (DEBERT, 1986, p.145).

A história de vida não nos concebe um quadro verdadeiro de um passado ou um futuro distante. O objetivo da história de vida não está em construir uma “verdade geral” e sim registrar a experiência social através da narrativa para realizar uma interpretação da realidade vivenciada, bem como reformular nossas hipóteses e pressupostos teóricos inerentes ao estudo proposto (DEBERT, 1986, p.145).

No entanto, é importante perceber que a história de vida no processo de coleta, é sempre um conjunto de fatos narrados de fragmentos desconexos, ambíguos e incoerentes. Cabendo ao pesquisador, a tarefa de compreender esses relatos, a fim de realizar uma análise dos depoimentos de forma sistemática e coerente (DEBERT, 1986, p. 150).

Isso implica também perceber o “tempo de chegada” na coleta dos depoimentos dos informantes. A questão do tempo de chegada deve ser considerada, pois, pode acarretar um dilema na pesquisa. De um lado, a coleta dos relatos orais dos informantes pode apresentar-se como uma “bola de neve” devido ao ponto de saturação. Por outro lado, essa técnica de coleta, permite ao pesquisador(a) ficar com uma sensação de que poderia ter explorado ainda mais cada ponto absorvido no diálogo com os informantes.

Assim sendo, cabe indicar que ainda é preciso recordar dos cuidados ao tratar de momentos de tensões por meio da memória e de uma documentação feita para se perpetuar. Os testemunhos fazem a balança pender para um lado, a uma eventualidade privilegiada, por isso, é preciso considerar as várias camadas da memória individual e a pluralidade das versões da problemática investigada. As narrativas verbalizadas nos depoimentos não são os fatos concretos, mas, trata-se de uma narrativa associada às várias camadas da memória, estando sempre em elaboração e reelaboração.

Relato biográfico e trajetória de vida

As contribuições de Becker (1993) e Debert (1986) acerca do instrumental metodológico da história de vida acentuam as diversas possibilidades da utilização na pesquisa sociológica. O primeiro autor deposita um esforço intelectual para consolidar como método no campo da Sociologia e, também a difusão entre os sociólogos enquanto um “empreendimento científico”. A abordagem sustentada é de que cada fragmento da realidade investigada através da história de vida contribui em partes para a compreensão do todo. Para o autor, como já foi ressaltada anteriormente, a história de vida deve ser compreendido como uma “imagem de um mosaico” capaz de caracterizar as partes do todo, tendo em vista singularidade e as diferenças que constituí as partes da sociedade. Abrangendo tudo aquilo que se possa conhecer.

A segunda autora demonstra em sua avaliação as possibilidades de utilização desse instrumental, alertando também para as dificuldades e os problemas decorrentes da aplicação dessa técnica. Demonstrando, que dependendo do objeto de pesquisa, esse instrumental é indispensável, tanto para a formulação de pressupostos e hipóteses. Além de promover a redefinição dos conceitos, bem com os modelos teóricos de explicação do objeto. Essa tarefa se apresenta com um grau de complexidade na interpretação dos dados coletados. Portanto, a história de vida, cumpre também um papel importante para nortear as questões que delineará a investigação proposta.

A abordagem da história de vida esta atrelada a interpretação subjetiva que o sujeito atribui a sua experiência no mundo existente. A partir dessa concepção é importante fazer algumas observações em torno do sujeito que emitem a narrativa dos fatos, acontecimentos, momentos importantes e decisivos nas relações com as estruturas. Além disso, a trajetória de vida do sujeito também contribui para pensar a construção de relatos biográficos “de si mesmo”.

A ação do sujeito na realidade objetiva está atrelada a posição e o espaço social ocupado. Nesse sentido, Bourdieu (1986) faz uma observação relevante, no que diz respeito à relação entre o investigador e o investigado, que tendem a construir através da história de vida, uma narrativa marcada por processos lineares e ordenadamente sistemático para a compreensão das complexidades da realidade objetiva (BOURDIEU, 1986, p.183).

O relato, seja ele biográfico ou autobiográfico, como o do investigado que "se entrega" a um investigador, propõe acontecimentos que, sem terem se desenrolado sempre em sua estrita sucessão cronológica (quem já coligiu histórias de vida sabe que os investigados perdem constantemente o fio da estrita sucessão do calendário), tendem ou pretendem organizar-se em seqüências ordenadas segundo relações inteligíveis (BOURDIEU, 1986, p.184).

A narrativa dos fatos seguidos de acontecimentos coerentes e lineares é uma “ilusão biográfica”. Essa crítica vai em direção à concepção de que através dos fatos ordenados e lineares da história de vida podemos constituir uma unidade do todo na compreensão da realidade. Conforme sugere Bourdieu (1986):

Produzir uma história de vida, tratar a vida como uma história, isto é, como o relato coerente de uma seqüência de acontecimentos com significado e direção, talvez seja conformar-se com uma ilusão retórica, uma representação comum da existência que toda uma tradição literária não deixou e não deixa de reforçar (BOURDIEU, 1986, p. 185).

O problema em relação à história de vida, calcado na produção de relatos biográficos, refere-se à atribuição de sentidos que o sujeito realiza em sua ação. Além disso, dependendo da posição social do sujeito, os relatos tendem a construir um percurso “heroico” e uma história “oficial de si mesmo”.

Nesse caso, Bourdieu (1986) propõe pensar ao invés de história de vida, é possível identificar uma trajetória de vida. A concepção de trajetória proposta permite compreender as relações entre agência e estrutura, traçando possivelmente a investigação da “origem social” e o “destino do sujeito”. Levando sempre em consideração a posição social fixada na estrutura, bem como os diferentes tipos de capital (social, econômico, cultural, simbólico) que influenciaram a “posição da narrativa”.

Os acontecimentos biográficos se definem como *colocações* e *deslocamentos* no espaço social, isto é, mais precisamente nos diferentes estados sucessivos da estrutura da distribuição das diferentes espécies de capital que estão em jogo no campo considerado (BOURDIEU, 1986, p.190).

É importante destacar que os diferentes “acontecimentos biográficos” narrados pelo sujeito, apontado por Bourdieu (1986), corrobora para compreender o produto das condições sociais e dos interesses ajustados as variadas situações encontradas na sociedade.

A trajetória de vida, nesse caso, concebe a construção de novos sentidos e significados ao discurso que media uma identidade entre a linguagem e a consciência dos sujeitos ajustados ao campo de disputa.

Considerações finais

É chegado o momento de pontuar algumas considerações finais acerca do objetivo proposto durante o trabalho. Os apontamentos teóricos elaborados durante o texto buscou reunir um conjunto de reflexões epistemológicas que indicam os caminhos necessários para a construção de um trabalho científico, sem perder de vista o rigor metodológico e os apontamentos críticos do instrumental selecionado para análise.

As reflexões críticas contidas nesse artigo caracterizam uma abertura teórica para reavaliar a atividade de pesquisa do sociólogo e a relação com objeto de estudo. É necessário construirmos um equilíbrio entre a teoria e a empiria na interpretação do objeto. É possível combinar um conjunto de técnicas de pesquisas para atingir os objetivos propostos na pesquisa sociológica.

A metodologia ocupa um lugar de destaque, pois, é o elemento fundamental e indispensável para realização de uma pesquisa, sem a metodologia é impossível fazer ciência. A história de vida,

inserida no escopo da metodologia científica, é uma das inúmeras técnicas de utilização nas pesquisas qualitativas.

A utilização do instrumental da história de vida nos convida a desvendar os novos caminhos que serão percorridos na pesquisa e no tratamento do problema proposto nas realidades empíricas estudadas, visando produzir novas reformulações dos pressupostos teóricos e hipóteses necessárias para guiar a pesquisa.

A construção de um estudo sociológico sobre as bases da experiência da história de vida de pessoas e de grupos requer criatividade e, ao mesmo tempo, uma vigilância epistemológica na utilização da teoria no tratamento dos dados coletados, para não reproduzir e sancionar uma sociologia espontânea.

Referências bibliográficas

ADORNO, Theodor. *Introdução à Sociologia*. São Paulo: Editora Unesp, 2008.

BECKER, Howard S. A história de vida e o mosaico científico. In: *Métodos de Pesquisa em Ciências Sociais*. São Paulo: HUCITEC, 1993.

BOURDIEU, Pierre. A ilusão biográfica. In: AMADO, J. *Usos & Abusos da história oral*. Rio de Janeiro: FGV, 1986.

_____. *A profissão do sociólogo: preliminares epistemológicas*. 2ª ed. Petrópolis: Editora Vozes, 2000.

COHN, Gabriel. A sociologia como ciência impura. In: ADORNO, Theodor. *Introdução à Sociologia*. São Paulo: Editora Unesp, 2008.

DEBERT, Guita. Problemas relativos à utilização da história de vida e história oral. In: CARDOSO, Ruth (Ogr.). *A aventura antropológica: teoria e pesquisa*. Rio de Janeiro: Zahar, 1986.

KUNH, Thomas. *A estrutura das revoluções científicas*. São Paulo: Perspectiva, 1991.

MARTINS, Heloisa Helena de Souza. Metodologia qualitativa de pesquisa. In: *Educação e Pesquisa*, São Paulo, v.30, n.2, p. 289-300, maio/ago, 2004. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/ep/v30n2/v30n2a07.pdf>. Acesso em 14 de Novembro de 2017.

PIRES, Álvaro. Sobre algumas questões epistemológicas de uma metodologia geral para as ciências sociais. In: POUPART, J. et al. *A pesquisa qualitativa: enfoques epistemológicos e metodológicos*. 3ed. Petrópolis, RJ: Editora Vozes, 2012. pp. 43-94.

Recebido em: 12 de fevereiro de 2018
Aceito em: 29 de julho de 2018